



# A QUINZENA PAULISTA



ANNO I



S. Paulo, 1º de Agosto de 18

N. 4

REDACÇÃO--RUA JOSÉ BONIFACO 43

PROPRIETARIOS E REDACTORES

EMILIANO PERNETTA E PACHECO NETTO

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre . . . . . 3\$000  
Anno . . . . . 5\$000

FÓRA DA CAPITAL

Semestre . . . . . 4\$000  
Anno . . . . . 6\$000

## SUMMARIO

- Lanterna Magica.—J. MAGICO.
- Mea Vita.—EU.
- Amor livre (soneto).—HORACIO DE CARVALHO.
- Rua da Imperatriz.—VAGABUNDO.
- In extremis.—RAUL BRAGA.
- Meu tumulo.—E. PERNETTA.
- Ilha dos Amores.—CANTO E MELLO.
- Alegrias do lar.—F. BRANT.
- Marinha.—A. PACHECO NETTO.
- Bohemios e artistas.—T. G.
- A' meia-noite.—W. DE QUEIROZ.
- No bond.—X-P-T-O.
- O crime da rua de S. Bento.—\*\*\*.
- Pela vida.—ROMEO.
- Sonho.—JACK, LE PETIT.
- Idéas e impressões.

## LANTERNA MAGICA

Lanterna magica !

Titulo chic de espedaçar de inveja todo o jornalismo de S. Paulo inteiro, com excepção do *Mercantil*, que, em materia de litteratura é o jornal mais... litterario da provincia!

*Lanterna Magica*, para uma chronica !

Pôtre de chic !—Viva o Eça que me deu esta phrase !

A quinzena começou com um vespertino á Justiça, no salão do Jury, da capital e se finalisa com a prohibição dos vivas á... Republica no seio do povo !

Comecemos pela Justiça :

E muito justa foi a absolvição unanime do sympathico e distincto ex-réo —Manços de Andrade.

Que diabo ! Si é crime a *bomba*, metta-se no jury a congregação inteira da nossa Faculdade !

E depois, meus senhores, o Paula Novaes é um thebano mesmo de rachar !

Aquillo é que é discurso, e o mais é historia !

Tóque, seu Paula !

Sempre o mesmo homem !

Tudo : a eloquencia, o colorido da phrase que analysa e que caustica ; a palavra que impressiona, enthusiasma, e com nove, e vibra a ironia, estocando, a gargalhar, a pança larga e nédia do Ridiculo !

Esplendido !

Paula Novaes na ponta !

QUATORZE DE JULHO !...

Não vá o leitor, para ahi, julgar que eu venho escachal-o com mais um... discurso no macio lombo !

Perdão, o amigo sabe, e muito bem, o que foi o celebre dia 14 de Julho de 1789 para o mundo inteiro !

Quem é que ouve a melodia pungente e patriotica da *Marselheza*, sem que sinta fundo no coração o soluçar daquelle canto e o patriotismo da França?

A França tambem... na ponta !

A colonia franceza em S. Paulo bo-

...estas a valor, o *Club Republicano*,

e a bella mocidade da nossa Academi !  
Eloquentes discursos, passeiadas imponentes e um esplendido concerto no *Congresso Gymnastico Portuguez* !

Deu começo a *souée* musical a *Marselheza*, expressamente orchestrada para aquella festa pelo maestro commendador Gomes Cardim ; foi ouvida de pé. Gostei.

Entre a 1ª e 2ª parte do concerto, usou da palavra o sr. Dreifus numa brilhante oração.

Depois, o dr. Antonio Carlos : o velho sympathico, e o coração valente sempre, tendo forças, muita força para echoar sonóro, o brado de liberdade da geração moderna ! Emquanto o velho Andrada lia, de um camarote de 1ª ordem, um bellissimo discurso escripto em puro francez, aquella mocidade que o ouvia attenta e que elle substituiu na tribuna, interrompeu-o por vezes diversas na expontaneidade de um applauso unanime !

Comprimntamos respeitosa e venerando Mestre !

Com justo enthusiasmo o povo, nessa noite, applaudiu a palavra quente e scintillante do dr. Jesuino Cardoso.

Em nome do *Club Republicano*, o talentoso rapaz saudou á França.

Houve momentos em que o enthusiasmo do auditorio encobriu a voz do orador em justas ovações. Bravo !

Fallaram, apoz, os distinctos academicos Barata Ribeiro, e Leopoldo de Freitas.

Entretanto o *befá* da noite foram as duas marchas compostas pelos srs. An-



drada Machado Junior e Alexandre Levy.

O povo applaudiu os dous queridos moços.

A orchestra, valha-nos Deus, a orchestra, ora... a orchestra, sim a... o... a... ó Cunha tira o Chapéu!

Meus senhores, a orchestra executou muito bem as duas ricas e trabalhadas composições musicas.

Tambem o que é que se ha de esperar do Alex e do Tónico!

Que diabo! para que serve então a gente ter talento?

O Zé sahio fóra do sério, e chamou os dous á scena. Um delirio.

Ouviu-se em primeiro lugar, a do Antonio Carlos. E a gente ao ouvir aquella musica parecia sentir o lento despertar de um povo que soffre. Os tympanos dão signal de rebate. Os violinos gemem; os óboes, as clarinetas parecem pedir soccorro. De subito, ouve-se um grito de rebellião. O piston chama áleria.

Ha então um murmurio de coragem e de força.

A orchestra executa uma rica melodia. Uma verdadeira conspiração de bemões e sustentidos.

Ha de repente um brado de guerra brava, e rompe emfim pomposa e habilmente contrapontada a heroica *Marselheza*!

O maestro veio á scena tres vezes. Muitos e muitos applausos.

Venha de lá esse abraço, homem!

—Antonio Carlos Junior, tambem na ponta! Hurrha!

Agora o Alex. Eil-o, rubro, afanoso, de batuta em punho, vibrando nos *metaes* o prenuncio de uma grande victoria! Ouve-se longinquo, num bellissimo contraste de sons, a *Marselheza* ao longe, muito ao longe. Mas é preciso lutar. E ahi voltam os *metaes*.

—A's armas! A's armas!

E a orchestra inteira electrisada de bravura vibra o *Chant du départ*.

O coração bate forte no peito do soldado. A noite desce. Ha então um

canto suave cheio de inspiração. Mas a noite illumina-se toda de luar. As horas passam. Chega a Aurora e com ella a sempre querida, a grandiosa *Marselheza*! Uma lucta ingente! *Contra-cantos* e cantos contra o Despotismo, o Erro, a Guillhotina! E no meio de tudo uma gritaria infernal. A scena o Alexandre! Bis! Bis! Bis! Viva o Alex! Viva! Bis!

—O Alexandre tambem na... pontissima!

JOAQUIM MAGICO.

## Mea vita

São dez horas do dia  
Saio á fazer, o meu delicado almoço de café com leite.

Depois passeio as ruas, desviando-me cauto do *cadaver* horroroso.

Maldito *cadaver*, que, em forma de uma aguia, de azas espalmadas, garras ameaçadoras, ainda me arrancará os olhos!

Volto a casa, abro o Burget, torno a fechal-o, saio outra vez á rua.

E assim passo até a tardinha.  
Sobre a noute ouço musica.

E ao som do piano, e á lembrança das mulheres bellas que hei visto durante o dia, e ao calor de um pouco de Borgonha ao jantar, e á excitação do moka, os meus nervos se irritam de modo atroz.

Vêm-me desejos de compôr poesias riquissimas de harmonia; vêm-me desejos violentos e indefinidos.

Que hei de fazer?  
Compor? Mas a minha inspiração não assenta.

Que hei de fazer?  
Beber? Beber, sim, para tornar mais intenso o meu modo de sentir.

E hebo, e bebo.  
Os poemas vão-se formando no meu cerebro quente.

Eu tenho momentos de alegria divina; porque é bom que eu note, quando eu abraço os amigos, numa effusão sem motivo apparente, é que

nesse instante eu senti a musica interior...

Desculpem-me, os meus amigos, esta franqueza.

Eu me sinto digno simplesmente quando me sinto inspirado.

Inspirado, eu sou bom, porque eu sou feliz, inspirado, eu sou amigo.

Continúo, porém, a beber.

E á meia noute, e á uma hora da noute, eu venho para a minha casa, molle, enraivecido, como um impotente revoltado, e atiro-me no meu leito, e apago a minha véla, e durmo como uma besta.

Amanhan, eu estarei morto. Muita gente perguntará pelas obras que eu deixei.

O meu orgulho, se me sobrevivesse, diria: não deixou porque não quiz.

O publico dirá:  
Impotente revoltado!

Eu.

## AMOR LIVRE

A EMILIANO PERNETTA

Dá-me essa bocca fresca, e rubra e bella!  
Não fujas com teu labio a um beijo ardente,  
—espremendo esse olhar que me enregéla e mais me aguça a colera impudente!

A' minha bocca entrega-te! Cinzela nos meus beijos o ósculo mordente que a juventude exige e que encapella entre bocças que se amam doidamente!

Levanta os nédios braços, nús, formosos!  
Contra meu peito os seios vigorosos esmaga num sublime entusiasmo...

E deixa que dos altos da ventura eu role, como estrella em noite escura,  
—nas vibrações nevroticas do spasma!

S. Paulo, 22 de Julho de 89.

HORACIO DE CARVALHO.

## RUA DA IMPERATRIZ

Faustino X passa num profundo seismar pela casa Levy.

Lino Moniz impressiona-se.  
Pisca. Sorri. Faustino vae longe.  
Lino grita:

—Faustino!!

X volta. Pausa.

LINO—Em que pensas mancoço?

FAUSTINO—E's verdadeiro Muniz?

LINO—Como um telegramma do *Mercantil*.

FAUSTINO—Conheces a Delorme?

LINO—Adeante.

FAUSTINO—Muniz, a Delorme usa *anquinha*?

LINO (*gastando forte indignação. Gritando.*)

« Para fazer reclame

« A tal atriz Delorme,

« Tem uma vez infame,

« E uma... *anquinha* enorme!»

FAUSTINO—Pois meu caro, eu sou a *anquinha* da Delorme!

LINO—Explica-te miseravel!

FAUSTINO—Aqui muito em reserva, amiguinho! O Salomonde me afirmou que eu era o X daquellas... *proporções*! E' por essa raz o que sempre hei de ver... *icognito*...

LINO—(*Meigo.*) Mas porque te não descobres, *chusinho*?

FAUSTINO (*cheio de ironia mordaz*). Ora muito bem *sui* Lino! Então a Delorme hade me descobrir!?

(*Ambos riem muito.*)

LINO—Que boas palmadinhas eu te não dava, ladrãozinho da gente!

FAUSTINO (*Muito vermelho*) Então ô Lino! No meio da rua da Imperatriz! Oh!!!

\*  
\*\*

O sr. Torteroli acaba de sahir precipitadamente da casa Garreaux.

F' soffre um empurrão.

TORTEROLI—Ah! O amigo? Como va?

F.—Bem. Obrigado.

TORTEROLI—Já sabe?

F.—Não.

TORTEROLI—Mandei vir da Italia uma *encommenda* X. P. T. O.

F.—Hum?...

TORTEROLI (*Batendo na pança de F*). Mandei vir, amiguinho, uma epidemiazinha para Botucatu!

Vou fazer muitas victimas! Que bello, heim?

F.—O sr. ou a epidemia?

TORTEROLI—A epidemia, é boa! Está claro!

F.—Pareceu-me ouvil-o dizer de outra maneira!?

TORTEROLI—O amiguinho enganouse. Da Italia, heim? Fresca! Magnifico! (*Desfolha um risozinho mudo cadenciado.*) Adeus, heim? Da Italia! Epidemia na ponta!

\*  
\*\*

O KYNU' sahe, ás gargalhadas do Café Americano Trava do braço do Napoleão Reis.

KYNU'—Então, já sabe?

NAPOLEÃO—Dicto!

KYNU'—A Torre de Babel confundiu as linguas do povo de Israel, ou cousa que o valha. No dia 14 de Julho, na rua da Boa Vista, A Torre Eifel confundiu a lingua... do Dianna Terra!

VAGABUNDO.

## In extremis

(UMA RECORDAÇÃO)

...O medico aproximava-se da janella, para consultar o tempo. Na escuridã da noite, não brilhava sequer uma estrella; relampagos lambiam, ao longe, a crla negra do horizonte, dos lados da cidade; na atmosphera enervante, uma aragem tépida soprava, num prenuncio de borrasca.

D. Maria foi ter com elle. «Como tinha achado o Eugenio?... Haveria alguma esperança?...»

O doutor tirou os oculos, e vagarosamente, poz-se a limpar com o lenço os vidros escuros e nbaciados. Contrariava-o aquella pergunta; sempre evitava desenganar alguém...

Desta vez, porém, não havia a menor duvida! «o seu doente estava nas ultimas horas da vida, não mesmo o chegaria á madrugada... Que lhe valia animal-a, si a surpresa lhe pedia, mais dura?...»

A senhora escutava-o, com o olhar brilhante de admiração. Não fôra isso que ella esperava ouvir; procurara ainda illudir se, pensando que a morte não o levaria tão cedo; quizera crer sempre que, dum momento para outro, vel-ciam erguer-se, de todo restabelecido...toda aquella manhã, elle sorrira para todos, numa alegria de qu si-saude—julgara.

E as lagrimas corriam-lhe pelas faces, emquanto o peito lhe arfava, sacudido pelos soluços, que, embalde, buscara conter,

## II

Havia perto de trez annos, que Eugenio chegara da Europa.

Em procura de outros climas, que

o curassem, partira, cheio de esperanças. A molestia, porém, tinha chegado ao seu auge; nem os ares do velho mundo puderam restituir-lhe a saúde perdida.

Quando, de volta, carregaram-n'o do carro que o conduzira á casa do irmão, D. Maria havia desmaiado; não o reconhecera quasi. Para sustenter-se, fôra preciso que dous creados a amparassem.

Vinha com as faces encovadas; a pelle grudava-se-lhe aos ossos, numa côr macilenta de cadaver; trazia as mãos constantemente frias; os pés inchados mettiam compaixão.

Porisso, duas cousas a surprehenram, animando-a de um certo modo: foi a perseverança que o doente guardava em seus habitos; a tranquillidade com que, a cada passo, fallava da doença.

Via-se em seus actos como que um esforço por não incomodar ninguém. Esse medo da morte que percebia em torno, talvez elle proprio tentasse effastar de si, buscando mostrar-se o mesmo.

A certas horas, não admittia que lhe entrassem no quarto. Uma creada fiel era a unica pessoa que o servia. Era quem lhe levava o banho, quem o ajudava a vestir-se, agora que a molestia roubara-lhe as forças.

Demais, a boa senhora não podia esquecer-se dos bellos tempos, em que o cunhado enchera-lhe a casa com suas bellas expansões do seu temperamento de moço; desses annos felizes de sua vida, em que, sem filhos ainda, os dias corriam-lhes alegres, sem um desgosto... E o passado todo parecia-lhe desmorronar-se agora, com a noticia dessa morte proxima.

Apenas o doutor sahiu, D. Maria dirigiu se para o quarto do enfermo. As lagrimas tinham-se-lhe seccado nas palpebras, mas, no rosto pallido, uma tristeza amarga crescia. «Já não havia esperanças; estava perdido, dissera-lhe o medico. Antes da manhã, morreria. Nada faltava fazer»...

Ao transpôr a porta, um calafrio tremeu-a toda. Alli estava, mesmo em frente, o leito do moribundo. Havia uma claridade frouxa na alcova. A tremula chamma da lamparina espalhava sombras lugubres em der-

redor. Um cheiro de morte enregelava o ambiente.

Eugenio mexia fracamente os braços magros por sobre o cobertor, envolvendo-o numa côr de sangue, como em uma ironia. Na fronha alva do travesseiro percebiam-se apenas naquella penumbra, os seus cabellos negros.

E a cunhada, em pé, olhava-o, prestes a romper em soluços.

Idéias sinistras cruzavam-se-lhe no cerebro. Cada objecto ante si tomava agora uma significação... A propria noute com sua borrasca imminente, o dia da semana—uma sexta-feira—provocavam-lhe scismas.

E parecia-lhe escutar, a todo instante, o p'ar agourento de uma coreja que ouvira, havia dias. Os morcegos, estes, não deixavam o sótão.

Um silencio enorme reinava em toda a casa. Tinha-se dito ás creanças que não fizessem barulho. Na sala do jantar, junto ao sofá, viam-se grupados em roda da mucama que lhes contava historias. As suas cabecinhas louras, cançadas daquelle socego, iam fechando as palpebras rosca, num sonho phantastico...

IV

A noute ia em meio; o relógio da casa acabara de soar duas horas.

Na alcova ouviam-se agora soluços como que abafados. A boa senhora chorava ainda, inconsolavel, exaltação de sua sensibilidade de mulher nervosa. Fugia com os olhos á scena muda e lenta que alli se dava, luctando, em balde, com uma força extranha que a fazia dirigir a vista para o leito.

Aos pés da cama, os irmãos do moribundo fitavam-n'ó, numa dôr silenciosa. Sentiam-se fracos, miseraveis e deixavam-se immoveis, num desgosto da vida, no scepticismo da magua-

Nisto, Eugenio deixou cahir a cabeça para o lado; parecia modorrar. Um leve sôpro desprendeuse-lhe do labio... O dono da casa correu, então, a ver uma véla; o outro irmão fechava-lhe as palpebras... Depois, os soluços encheram o quarto, numa grande expansão. Havia nelles como um allivio, como um consolo...

A chuva estalando nas calçadas, prestava o seu rumor triste áquelles

gritos de angustia, descargas electricas saccudiam as vidraças, atirando pelos frestas clarões avermelhados...

Sómente, na sala, como um contraste, o resomnar brando das creanças lançava uma nota alegre de vida, em meio da tristeza funebre que cercava tudo.

São Paulo, 1885.

RAUL BRAGA.

MEU TUMULO

Sinto o meu peito de paixões vasio,  
Não me embriaga, nem me dá conforto  
Cousa alguma da vida: como um rio  
Eu vejo os dias que se vão, absorto.

Não choro, não maldigo, não sorrio:  
Sou tal e qual como um caixão de morto,  
Que anda sempre a esperar um corpo frio  
Para levar ao derradeiro porto.

Já que tudo é perdido, tudo, ao menos,  
Como o sol a cantar sobre o monturo,  
Reste-me ainda sordida alegria...

Abre-me os braços, ó querida Venus,  
O' tumulo que eu amo e que eu procuro,  
Na longa noute de uma louca orgia!

EMILIANO PERNETTA.

A ILHA DOS AMORES

Que singular contraste!

Hontem, levado por uma coincidência inexplicavel, fui visitar a *Ilha dos Amores*, que desde o anno passado não via, e, absorvido nos meus pensamentos intimos, não percebi o enorme destroço que por alli reinava.

Entrei, pensando achar naquella nega de terra os mesmos encantos que deparava outr'ora, porém, apenas meus olhos se estenderam em torno, vi que por alli tinha passado qualquer cousa destruidora, como a aza de um cyclone.

Por toda parte levantavam-se da terra os galhos das arvores derrubadas como atirando ao céo o ultimo alento da seiva que os alimentara.

Dos caramanchões, onde o luar indiscreto peneirava seus raios, abrindo em meio a escuridão uns sulcos de luz phosphorescente, apenas restavam uns montões informes, onde embalde as aves vinham procurar os lugares em

que outr'ora tinham deixado os ninhos.

Os troncos derrubados aqui e alli, cobertos de musgo eervas parasitas, surgiram a meus olhos como batalhadores que tinham cahido fulminados na arena da peleja, mas que ainda conservavam unidas aos corpos as couraças de musgo que o tempo lhes havia dado.

As fontes, que eu conhecera tão murmurosas e limpidas, jazim cobertas de limo e folhas amarellas e não serviam mais, como noutros tempos, para matar a sede aos passaros errantes.

A longa muralha de bambús, que guarnecia metade daquelle terreno, tinha sido derrubada de longe em longe, como a parede de uma fortaleza ao choque das balas inimigas.

E os salgueiros, que eu conhecera gemendo ao sôpro da aragem, não se emballavam mais suspirando á frescagem do rio!..

Na solidão enorme desse anniquilamento eu percebi um poema sem fim de maguas secretas.

Que singular contraste!..

Ha pouco menos de um anno eu ia com o coração transbordando de maguas confiar á sombra daquelles lugares a historia das minhas infelicidades.

Nesse tempo, alli havia a bonança—e no meu coração corria uivando o sôpro da tempestade.

Longos dias de tristeza, fundas horas de agonía, passava eu de baixo daquellas arvores revolvendo na memoria os espinhos de minhas recordações pungentes.

E quantas vezes os suspiros dessa tristeza e as pragas desse desespero, foram suffocados pelo ruido festivo das aves cantando?!..

Quantas vezes a pujança daquella vegetação, o aroma daquellas flôres, o murmuro das aguas nos tanques de marmore branco, o sussurar da aragem passando pela ramaria ondeante dos bambús, contrastaram com o estado desesperador de meu espirito?!..

E eu o fraco, eu o humilde, eu o abatido, cerrava os olhos ante aquella esplendida manifestação da vida e ia

INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

tristemente gravando pelas fonceiras a historia de minhas melancolias !...

Hoje volto de novo, mas com a alma inteiramente povoada de crenças.

Venho para mostrar que das infelicidades da vida não são todas duradouras e eternas.

Venho para juntar minha alegria á alegria das aves que cantaram na minha tristeza e quizera que a pujança da vegetação, o aroma das fiôres, o murmúrio das aguas e o sussurro da aragem, erguessem commigo um grande brado de paz e de felicidade.

Mas vejo tudo por terra !... Eis ahí anniquiladas as testemunhas de meu infortunio ; mas eu não farei com ellas, que riram-se das minhas dôres.

Suffoco bem dentro do coração as vozes da alegria e do contentamento e curvo-me respeitosa e curvo-me respeitosa, porque vejo pairando sobre ellas as tristezas que pairam sobre as ruínas.

Que singular contraste !

31 de Julho—89.

CANTO E MELLO.

## Alegrias do lar

O conselheiro estava preocupado, seriamente preocupado :—altos negocios da politica, não havia duvida. Finalmente tomou o chapéo alto, para sahir, quando uma vozinha encantadora e gentil veio interromper a gravidade das suas reflexões.—Era a Luizinha que o interpellava, exigindo a boneca que o papae lhe promettera, para quando ella acabasse de soletrar a carta de nomes. E então elle já havia se esquecido ? Que trouxesse uma bem bonita, daquellas que fallavam e dormiam e choravam... Ficasse socegada, dizia o conselheiro, derramando sobre ella um sorriso doce e carinhoso, como carinhosos e doces são todos os sorrisos de um pae para uma filhinha adorada !

\* \*  
\*

E a Luizinha poz-se na varanda, soffrega, inquieta, anc osa pelo regresso do papae. E se elle não trouxesse uma

boneca bem grande, bem bonita ? E se elle ainda desta vez se esquecesse ? Mas não : lá voltava o velho conselheiro trazendo em uma das mãos um volumoso embrulho de papel pardo. A Luizinha corren rapida a esperal-o na entrada, e, numa alegria enorme, arrebatou uma linda boneca de cêra com os grandes olhos muito azues, com os cabellos sedosos e doirados. A creancinha beijava-a feliz, radiante, na completa satisfação de seu ideal. Ah ! como era bonita ! Era certamente a boneca mais bonita de todo o mundo ! Quanta inveja não ia ter o boneco pelado da Sinhá que não fallava, nem dormia, nem chorava !

E os olhos cariciosos da creança banhavam a face sem vida da boneca ; a sua boquinha rubra estalava uns beijos de felicidade completa ; enquanto que, a um lado, o papae e a mamãe abençoavam com um sorriso de amor aquelle anjinho amado, lindo, tão lindo como os rochunchudos cherubins que se destacam nas nuvens que cobrem os pés da Madona !

FRANCESCO BRANT.

## À MEIA NOITE

(PARAPHRASE)

Golpêa o remo, surdo e somnolento,  
As crystallinas lagrimas do lago ;  
Na ramaria, mysterioso e vago,  
—Harpa do azul-guando passa o vento.

Soturno, vagaroso, macilento,  
O rio beija as margens com afago :  
A selva os ramos curva em somno mago...  
A terra dorme ; sonha o firmamento.

Tudo repousa : os astros que declinam,  
As cascatas, as selvas, as torrentes,  
Os mares que nas praias se reclinam.

E além, por sobre os tumulos silentes,  
Salgueiros melancolicos s'inclinam,  
Como beijando os marmores dormentes...

WENCESLÁU DE QUEIROZ.

## BOHEMIOS E ARTISTAS

IV

Conheço-o ha dez annos.

Nuns antigos e bellos tempos em

que o homem sonorisava a monotoni da rua Ypiranga, com as vibrações harmonicas da sua lyra de bardo já conhecido pela terra, travei relações com elle.

Disse-me poucos momentos apoz á apresentação feita pelo irmão :

« Por um triz que não morrera, e phtisico ! Arranhando, co'os diabos ! »

O irmão confirmou muito sério a noticia, escovando o chapéo para sahir, e eu acreditei largando o meu olhar pasmado, de *cascabulho*, sobre o todo magro do *artista-bohemio*, livre das garras da morte, por um triz e por intermedio da phtisica !

O Tempo ia pelo seu caminho de se gastar incessantemente pela vida dos outros em fóra.

Passava o tempo e eu via sempre o nome de Wencesláu de Queiroz pela imprensa diaria da capital, pelo jornalismo da Academia, e pelos almanacks litterarios de muitas propriedades.

E o seu talento veio a se formar de pouco em pouco, bem qual uma ave a crescer, a se implumar, ascendendo aos ares em pequenas viagens, sempre vôando a mais entretanto ; vencendo, um dia, uma nuvem, depois outra ; sempre de victoria em victoria, desprezando já a medida da altura ; ora suavizando as pennas na subtil brancura melancolica dos luares ; ora sacudindo-as, queimando-as por entre o ouro, a pedraria accesa e as fulvas vibrações das alvoradas !

Um dia pode fitar o sol e se tornou aguia !

E por S. Paulo além, temol-o ahí ; —poeta a Baudelaire, nesse querer e sentir as cousas, como quer e sente uma alma envenenada pela indiferença algida por tudo.

E tem no enta to, o poeta paulista, uma alma de creança, companheira de um bello coração.

Fez culto ideal pela Forma.

E grime o verso portuguez sem nunca desviar a ponta do seu florete de

ouro para estocar o seio niveo da... grammatica!

Eno meio da sua correcção de fria e rija severidade, ha alguma cousa que palpita, que delicia a gente; que humidece, por assim dizer, toda aquella segura de phrase honesta, correctamente... virgem..

A inspiração, o sentimento, a suavidade de uma idéia artistica que nos impressiona tambem, que nos faz sentir e adivinhar um grande talento e uma alma de poeta: elle as possui.

Morde-lhe entretanto, toda essa perfeição um defeito enorme!

Ora adeus! Na ha ha perfeito neste mundo!

Pois, meus senhores, o Wencesláu promette e não cumpre!

Annos se foram e os *Accordes* vieram jamais..

Para o n. 3 da *Quinzena* pro netteu um soneto, e a *Quinzena* appareceu em publico orphan de uma joia d'arte!

No mais o Wencesláu, o enganador Wencesláu vive a ludibriar a todo mundo com o seu bello riso de profundo sarcasmo de homem de espirito, e, cumulo da gatunice! *furta-se* a si proprio, de seus admiradores para o fundo negro e soturno de uma descarada e pertinaz modestia!

E—usurario mesquinho, guarda, e—conde, magicamente, milagrosamente num aureo e diamantino bico de pena, todo um thesouro fabuloso de inspiração e de talento!

Ah! perillo!

E' o caso de se dizer:

—O' Wencesláu, põe teu cavallo na chuva!

T. G.

## No bond

Bond cheio. Cocheiro lesto.

Conductor.. cadaver.

—Então, não sabem?

—Nunca!

—O Diogo José...

—Qual d'elles?

—de Andrada Machado...

—Viva o Diogo! Que aconteceu?

—Vae abrir escriptorio de advocacia em S. Paulo!..

—Firma? Depressa!

—Andrada & Pacheco

—Qual d'elles?

—O demittido!

—E o outro?

—E'... Pedro!

—Maria?

—Não.

—Manoel?

—Manoel Maria!

—Exquisito

—Deixa-o!

—A quem?

—Ao Pedro Manoel Maria!

—E o Pacheco?

—Que futuro, meu velho!?

—Para onde vae?

—Santa Cecilia!

—Espera!

*Tomou o bond.*

—Então o Affonso...

—Celso?

—Da Silva!

—Não! de Assis..

—Pacheco?

—Irta! Figueiredo!

—Conta, miseravel!

—Suspendeu as garantias..

—De juros?

—Um calemburg, que saia!

—Não sei!

—Viva a republica!!!

*Um urbano de chanfalho em punho:*

—Repita!

*Uma voz amendrontada:*

—A republica... do Brant e do Pernetta!..

—Um liberal terrivel o Cardim?

—Sim?

—O Cardim vae ser nomeado promotor de..

—Matto grosso!

—Botucatu!

—Morre o Tito, de ta feita!

—Viva o Cardim!

—Morra o Tito!!

Nem o Cardim é republica, nem o Tito... monarchia. Pernetta (*cheio de pensamentos hamleticos*)

—Que des-mo-ra-li-sa-ção!

—Mudou-se?

—Mudaram!

—Foi se?

—Não! Barra!

—Berra!

—Birra!

—Bórra!

—A burra do Guimaraens!

—Mas a burra?

—Inteirinha?

—Expiendido!

(*Muitas gargalhadas.*)

—Não mais se diz...

—Oque?

—Ora...

—Bolas?

—Não!

—Então?

..Ora... a burra!?

X. P. T. O.

## IDÉIAS E IMPRESSÕES

Como uma idéia que era sympathica nas mãos de um auctor, torna-se antipathica passando para as mãos da mediocridade!

E'la adultera, corrompe e desmoralisa tudo!

MACIEL

Religião! Tirai-me este peso dos hombros.

Eu ás vezes sinto em mim todo o canção da humanidade sob este fardo eterno.

MANECO VICENTE.

Quando uma senhora nos olha pela janella que dá para rua, é uma; quando nos olha pela janella do quintal, é outra.

WALDIMIR MALTA.

Eu quando reflecto sobre mim mesmo sinto um grande desanimo: sei que deixarei alguma cousa neste mundo, mas cousa que não passará de sonoridades de flauta e de violino e de algumas curiosidades...

UM DECADENTE.

Gloria, deslumbrante vaidade, que se desfaz no tumulo, no *nirvana*!

E' um engano dizer-se que o artista ambiciona a gloria.

A gloria consiste neste contentamento intimo, dura lour e eterno, que o artista traz dentro de si, de poder criar obras primas e executa-as.

UM ARTISTA.

## MARINHA

A EMILIANO PERNETTA

Sólta a madeixa,  
Ri, louca!—  
Como quem deixa  
A rir, cabir flôres da bocca!

E' longa a praia...  
E o mar  
Azul, se esmáia,  
Espumas a despedaçar...

Ségue por ella  
Tão linda  
Praia! E que bella  
Vista pela ampliidão infinda!

Vôa creança  
Gentil;  
A alma não cança  
Nessa idade loura de Abril...

Vae praia em fóra!  
Pudéra  
Assim, a Aurora  
Correr e amar, e rir ao Dia!

Tu és, e basta,  
Ideal!  
Vamos... engasta  
Neesses dois labios de corai

Perola doce  
De um beijo;  
E qual si fosse  
Ninguem, deixa que meu desejo

Alegre, rindo  
Taful  
Num goso infinto  
Ao lado teu, sob este azul,

Consente que elle  
—Amante—  
Humilde zéle  
Em tua bocca essa brilhante

Perola, deixa!  
Depcis...  
Sólta a madeixa,  
Vamos juntos pa-seiar os dois

Vamos... por ella,  
Tão linda  
Praia... E que bella  
Vista pela ampliidão infinda!

S. Paulo—87.

A. PACHECO NETTO

## Exmos. srs. redactores da «Quinzena»

Peço encarecidamente a vv. ss. declarar, pelo seu jornal, si eu tenho tomado parte nos gracejos por vv. ss. dirigidos ao meu collega e amigo maestro João Gomes de Araujo.

Outrosim, pergunto mais si alguma vez escrevi uma palavra si quer para a *Quinzena*.

Muito obrigará com a repostá,  
De vv. ss. am.º cr.º ob.º

A. C. R., DE ANDRADA MACHADO JUNIOR.

A redacção da *Quinzena* responde ao maestro Andrada, relativamente as suas perguntas: Não, absolutamente não.

Senhor João Gomes.—Nós não temos por costume ser espirituosos, com auxilho de outrem.

¶ Não nos faça mais essa injustiça, que até agora ainda não fomos injustos comsigo.

A REDACÇÃO.

## Pela vida...

Olha, Deixa de rir, um pouco!  
E's tão creança! Tens ainda tempo, á larga, na existencia para despertar a alegria de teu riso, mocidade em fóra!...

Vamos. Escuta: Esquece que já não me amas.

O dia cáe sobre nós dous, num exagero esplendor de luz!

Faça de conta que estás a ler num livro. Ahi o tens...

\*  
\*\*

—Uma nódoa!  
—E' a ultima pagina!  
—Mas a nódoa?  
—Depois... Escuta: Como começou este romance, filha! Quatro annos!

\*  
\*\*

—Quatro annos escondi o meu segredo!

—Contaste-o a alguem?

—Não! Descobriste-o!

Ah! Sim, lembro-me agora de que te amei!

—E eu?

—Manchaste o meu amor!

E depois?

—Esqueci tudo!...

\*  
\*\*

—Agora, tantas folhas em branco?!

—Uma longa ausencia...

—O que significa esta pagina dobrada?

—Uma saudade talvez! Lembraste?

—Não...

—Fizeste uma viagem...

—Sim? Como tudo isto é interessante!

—Escuta ainda...

—Adeus! Feixa tu o livro; eu não sei feixal-o.

\*  
\*\*

—Então mentes!

—Porque?

—Não me esqueceste ainda, eu sei!

—Doido!

—Adoras-me!

—Adeante, desvairado!

—Esse livro é o teu proprio coração!

—E aquella ultima lagrima!

—Choraste-a na derradeira vez em que me viste! Então?! Ainda te ris?

Ah! eu bem sei, eu bem sei! Queres esconder a lagrima... aquella da ultima pagina!

Continúa a rir... continúa!

E tu não sabes feichar teu coração para meu amor!?

Continúa a rir....

ROMEU.

Um bohemio, lendo o prologo que o Luiz Quirino fez para as *Vernaes*, perpetrrou estes versos :

Eu lendo do Luiz Quirino  
Sobre *Vernaes* grandes traços,  
Pensei logo num menino  
Carregando outro nos braços.

La vão como cabra cega  
Pela rua feia e lisa,  
Se o Quirininho escorrega...  
Que hade ser do pobre Piza?

Quebra o nariz de repente,  
Pizam-lhe um braço... recúa!  
Como a policia consente  
Estes brinquedos na rua?

## O CRIME DA RUA DE S. BENTO

### 1ª CARTA

E' necessario, a bem da dignidade paulista arrancar a mascara ensanguentada de uma quadrilha de canalhas que infesta a capital de S. Paulo!

E não pensem os srs. que esta infamia nasce da plebe.

Não.

Ha pela gente de *merito* em nosso meio, um grupo de malfeitores e de ladrões.

Verdadeiros ladrões deante dos quaes a policia venda os olhos e deixa correr o marfim...

Na noite de 2 de Julho, ás 2 horas mais ou menos da madrugada deu-se nesta cidade um factu horripilante, medonho, digno dos romances sanguinosos de Montepin, de Mery. Parece incrível!?

Eu passo a narrar o factu.

\*  
\*\*

A carta dizia mais ou menos assim:

« Ia eu começar a subir a ladeira da Lapa, que communica a rua de S. Bento com a de S. José, quando ouvi um grito abafado subitamente.

Não havia um policial pelas adjacencias.

Confesso a minha covardia: podia apitar. Não o fiz, mas dei-me de an-

dar em direcção ao local, donde eu, mais ou menos, julgava ter partido o grito.

Quando cheguei á rua de S. Bento, mesmo junto a porta do *Grande Hotel*, senti duas mãos grosseiras e cheirando mal, taparem-me brutalmente os olhos e a bocca.

Ouvia, muito vagamente, fallar-se ao meu redor.

De tudo apenas pude guardar duas palavras: — *Villa Mariana*.

Encommendei minha alma a Deus, e entreguei-me, em mulla abnegação, aos sicarios.

Fizeram-me andar.

Alguns passos feitos, e eu era empurrado para um carro ou cousa que o valha. Era impossivel ver.

Depois de 30 e tantos minutos, o carro parou.

Fizeram-me descer.

Immediatamente fui carregado.

De subito senti notavel mudança atmospherica.

Algum tempo depois atiraram-me, (é o termo) e eu cahi sobre um chão soalhado. Ouvia depois o barulho de uma porta que se feichava. Correram o ferrolho; e depois, um silencio de tumulo.

A mais completa escuridão possivel, foi o que tive em presença. Abrindo os braços, toquei, de logo, com a mão direita numa parede forrada de panno.

Quiz andar e tropecei num corpo molle.

Agachei-me, e apalpando o que me-antolhava o passo, reconheci tocar num corpo humano.

Fiquei tomado de um terror descomunal!

E, como si fosse movido por uma força automatica, continuava a apalpar o corpo. Estava em completa nudez. Senti que éra imberbe; mas immediatamente depois minhas mãos frias, convulsas encontraram dous seios tenros; de uma rigidez virginea.

De repente, retirei mais horrosada ainda as minhas mãos. Eu talvez molhadas de sangue!

Havia sido assassinada, naquelle lugar, uma mulher; uma virgem talvez!

Ouvi que abriam a porta; erguime, tomado de um medo quasi infantil.

Tive mesmo vontade de chorar.

Vendaram-me os olhos.

Novamente fui carregado.

Levaram-me um panno humido ao nariz.

Aspirava naturalmente algum narcotico...

Que cousa horrivel! Parecia tudo aquillo um verdadeiro sonho.

Eram 5 horas da manhan, quando eu dispertei junto á porta do cemiterio, na Consolação.

Juro, meus amigos, que eu heide *levantar a lebre*, descobrindo os Jaks estirpadores de S. Paulo.»

(Continúa.)

## SONHO

Pela manhan, apraz-me, somnolento ainda ficar na cama, olhos fechados, meio dormindo, meio acordado.

Lá fora, eu sinto o sol, a espera de que se lhe abra a janella.

Numa dessas manhans, eu sonhei que estava num alto, cercado de varios caminhos. Logo depois, avistei uma criada carregando um pequeno.

A senhora veiu ter ao lugar onde eu estava.

Feia senhora!

Tinha os labios muito grossos, o rosto pallido e sardento.

Ella beijou o filhinho e deu-mo a beijar.

Depois, não sei porque razão, estendeu-me tambem os labios e eu não sei tambem porque razão, estendi-lhe os meus labios.

Beijamo-nos.

Beijando-a, vi que o seu rosto se transformava no mais bello rosto que eu já tenho visto.

Ficou rosada, os seus cabellos tornaram-se louros.

Bella, divinamente bella, ainda mais porque se parecia com aquella que eu amo.

Alice! Alice!

Calcula, como então beijei a tua bocca e abraçei o teu corpo!

Esta ventura em sonho é que tenho

JACK, LE PETIT.

Typ. Provincia,

